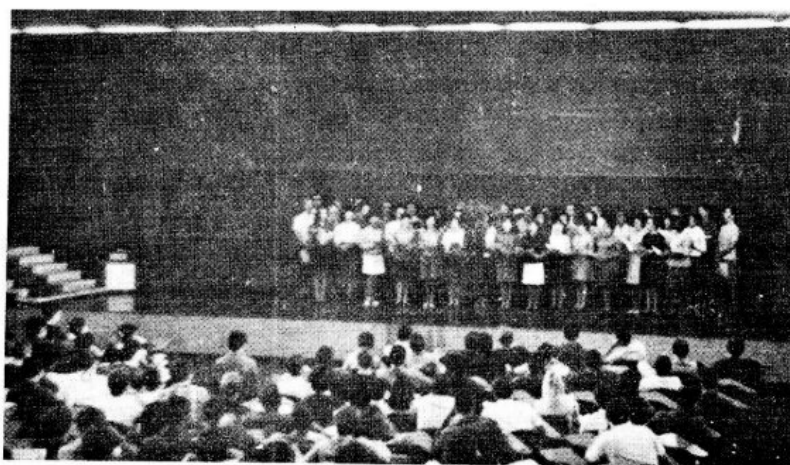


POLI - CAMPUS

Órgão Oficial do Grêmio Politécnico



Coral Poli-Enfermagem

GRÊMIO POLITÉCNICO

presidente: clovis de barros carvalho
vice-presidente: david casimiro moreira

POLI-CAMPUS (Órgão Oficial do G.P.)

direção geral: parlo de tarso carvalhaes
coordenação e howard chui
redação: josé jakubovic

EQUIPE POLI-CAMPUS

cadernos:	alfredo	1º ano
	laércio	1º ano
ensino:	alfredo	1º ano
	alcino	1º ano
	bezerra	1º ano
	carlos alberto	1º ano
	Haddad	1º ano
	ivo	1º ano
	salvador	1º ano
	toninho	1º ano
paulo	1º ano	
mural:	roberto	1º ano
	alcino	1º ano
	bezerra	1º ano
	oscar	1º ano
depro:	marcos	1º ano
	watanabe	1º ano
	paulo cesar	1º ano
cronistas:	emílio	2º ano
	manoel carlos	3º ano
	robilota	2º ano
	sabino	2º ano
	venili	1º ano
fotografia:	adilson	2º ano
	betão	2º ano
	braga	3º ano
	loui	5º ano

E d i t o r i a l

O Movimento Universitário vem de ser fortalecido com a realização, em meio às dificuldades que o "governo brasileiro" oferece à livre manifestação e reunião, de mais um congresso de caráter estadual, o XX Congresso da U.E.E.

Um congresso deve ser o momento em que as lideranças, levando o movimento estudantil e responsável por êle, apresentem as críticas visando corrigir e esclarecer as falhas que se vai detetando no decorrer do processo, e mais, é o momento oportuno para a discussão aberta e construtiva em torno das perspectivas que devem ser encontradas para o movimento.

Valendo-se dessa oportunidade, estudantes de todo o Estado e com as mais diversas opiniões constituíram-se no XX Congresso para encontrar novos caminhos, partindo da crítica que ali se pôde construir, através do debate franco em torno dos problemas que o M.U. já conseguiu levantar.

É bem verdade que uma facção divisionista no M.U. veio a se retirar antes mesmo que qualquer proposição viesse a ser apresentada e discutida pelo plenário (aliás, antes mesmo do início do congresso, os jornais da capital divulgaram declarações de elementos desta área, nas quais se encontrava a sua não disposição ao debate que teria lugar no congresso). Este ato irresponsável é lamentável não só porque colocou em risco a segurança das lideranças ali presentes, mas porque comprometendo o congresso, comprometeu a entidade (reerguida e sustentada a custa de quantas lutas depois de abril de 64!) e o bom encaminhamento do M.U.

A delegação da nossa escola, repudiando tal gesto, permaneceu em congresso como a maioria dos congressistas e, participando ativamente, pôde levantar uma crítica construtiva e apresentar as proposições decididas pelos politécnicos nas reuniões de frentes de Trabalho; pôde ainda trazer a experiência levada a efeito durante o ano, em torno da tese que veio ser vencedora no congresso - tese da luta reivindicatória e política - Trata-se do esforço desenvolvido para levar a todo o meio o problema do Acôrdo MEC-USAID, através dos Cadernos Politécnicos, onde se fundamentou as posições que vem assumindo o M.U. contra tal Acôrdo, mostrando, o que é necessário, a conotação ideológica de que se reveste o problema da reforma da Universidade no Brasil; trata-se do trabalho sério, que vem executando a Equipe de Pesquisas dêste Jornal, que resultará em dados precisos, reais, dos problemas do politécnico, a partir dos quais se poderá encetar uma luta reivindicatória específica; trata-se ainda da experiência com a formação das frentes de Trabalho, que se não teve outros méritos, mostrou logo aos seus constituintes, a necessidade da luta de reivindicação.

Os frutos do congresso foram: O fortalecimento da Entidade - A crítica que se pôde estabelecer através da discussão efetiva dos nossos problemas, sem omissão; as correções e até eliminação a certas proposições falhas como o M.C.D. (o que já ocorrera no último congresso da UNE); formulação concreta de teses para o M.U. nos níveis em que sempre êle se tem situado: nível estudantil, nacional, internacional.

É hora de levar à prática as decisões ali tomadas e convocamos para tanto, tôdas as fôrças representativas no M.U. A luta (já iniciada) em torno dos problemas do estudante, com caráter reivindicatório e político (não podemos perder a perspectiva política com o risco de voltarmos ao reformismo, fase já superada no M.U.) deve constituir a forma de se efetivar os ideais de transformação que ora porta o M.U.

COMISSÃO DE FESTEJOS :
UMA EXPLICAÇÃO QUE SE
FAZ NECESSÁRIA

Tradicionalmente, a comissão de festejos de aniversário do Grêmio Politécnico é constituída e nomeada pelo Diretório em reunião marcada com alguma antecedência em relação à data de 1º de setembro. Este ano, porém, não tendo o Diretório se manifestado até poucos dias antes da data, o Depto. Social decidiu tomar a iniciativa e convocou uma reunião para encaminhar a programação dos festejos. Constavam das idéias iniciais uma excursão a Itatiaia, "pinduras" em restaurantes, cinemas, teatros e jogos de futebol e a realização da II Ginkana Automobilística Politécnica. Pois bem; mal iniciada a reunião, presentes cerca de seis (6) assessores do Depto. Social e três (3) diretores do Grêmio, entram no recinto cerca de trinta (30) elementos, aparentemente atraídos pelos cartazes de convocação da reunião, fato que nos deixou felizes pelo interesse de tanta gente em ajudar, coisa difícil de ser conseguida na nossa Escola. Mas logo se extinguiu essa agradável impressão. Alguns dos colegas recém-chegados, ao invés de apresentarem sugestões para as programações, começaram a perturbar o andamento da reunião, colocando os interesses políticos acima da administração do Grêmio, inclusive com ataques pessoais a diretores ali presentes. Foi posta em dúvida a validade da iniciativa do Depto. Social e, uma vez esclarecida a intenção meramente destrutiva daqueles elementos, retiraram-se eles, não sem antes lançarem um "desafio" aos diretores do Grêmio considerados de oposição para um debate, que aliás se realizou apenas sobre temas políticos. Era de se esperar, então, que a Presidência do Grêmio convocasse uma reunião do Diretório para a nomeação da comissão de festejos. Tal fato, porém, só se deu no dia 31 (trinta e um) de agosto, sendo a reunião marcada para as 20 (vinte) horas do mesmo dia, quatro horas antes do aniversário. Não havendo "quorum", o Presidente do Grêmio nomeou a comissão "ad referendum" do Diretório, sendo o autor deste esclarecimento, responsável pelo Depto. Social, nomeado para um dos cargos. Seria ainda possível a realização da programação proposta pelo Depto. Social, não fôsse o dia seguinte o início da semana da Pátria e dia da partida da excursão a Itatiaia, única programação, aliás, que se realizou na época do aniversário. Alegando não haver encontrado a equipe do Depto. Social, que se encontrava em Itatiaia, o Presidente da comissão nomeada encaminhou as programações sem a participação daquele Depto., a não ser nas "pinduras" a restaurantes, que já estavam sendo feitas. No dia 14 (catorze), tive conhecimento indiretamente, pois não fui avisado, de que haveria uma reunião da comissão. Comparecendo no local e hora marcados, tive a surpresa de constatar a presença de apenas três (3) pessoas, contrastando com as trinta (trinta) que haviam pro

Nota da Redação:

O ARTIGO AO LADO FOI ENTREGUE PARA PUBLICAÇÃO ANTES DE SE DESENVOLVEREM AS PROGRAMAÇÕES DA REFERIDA COMISSÃO DE FESTEJOS, CUJA REPORTAGEM SAI TAMBÉM NESTE NÚMERO.

postos a "ajudar" na reunião anterior. Foi-me solicitado um relato escrito das atividades do Depto. Social dentro das programações de festejos, para ser publicado posteriormente num boletim. Feito às pressas, o relato ficou falho e omissos. Por êste e por outros motivos, que não cabe aqui enumerar, não houve a divulgação que seria desejável das citadas atividades.

Fica aí, portanto, nossa explicação, com o nosso desejo de que, no futuro, as dissensões políticas deixem de interferir na administração do Grêmio, que interessa a todos os politécnicos, independentemente de suas convicções ideológicas.

Antonio Taliberti Jr.

PAULI-POLI

Terminou a Pauli-Poli. Pela terceira vez consecutiva saímos derrotados. Pela n-ésima vez não tivemos colaboração de nossos colegas, principalmente no aspecto torcida. Os poucos que compareceram às competições, tiveram a oportunidade de ver o entusiasmo dos colegas da Paulista, que com quase quatro vezes menos aluno que nós sempre apresentaram grande torcida. É preciso acabar com a alienação geral que reina no meio Politécnico! Devemos nos unir em todos os campos indiferentemente. Tanto terreno esportivo como em quaisquer outras atividades extra-curriculares. Êste ítem é dedicado principalmente a você, politécnico que acha não ter o ambiente que esperava de uma Universidade, a você que se queixa do pouco entrosamento entre os alunos da escola, mas despreza estas oportunidades de expandir o seu círculo de amizade. Não devemos esquecer que você, futuro engenheiro, não será apenas um elemento dedicado exclusivamente à técnica, mas será acima de tudo um elemento dedicado às relações humanas. Oxalá no próximo ano com todos unidos venhamos a fazer uma figura mais condizente com o nome de nossa escola.

Migliori

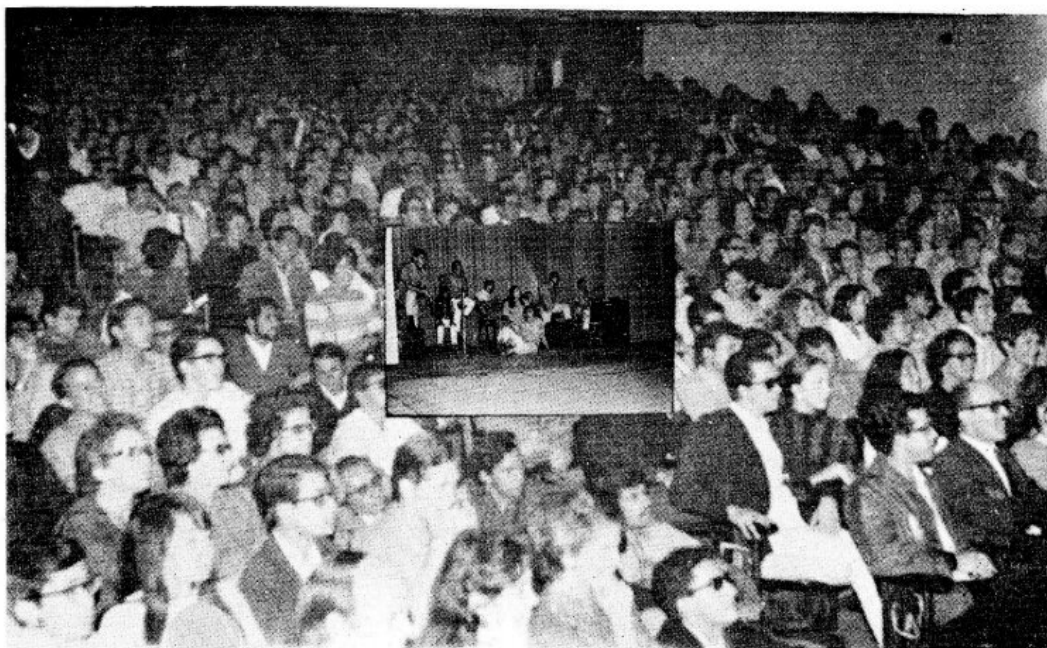
Nêste número apresentamos uma reportágem sôbre um dos departamentos mais fascinantes do Grêmio Politécnico:

O Grupo Teatral Politécnico-sedes. Êste ano êle renasceu e está indo de vento em pôpa. E como a curiosidade é imensa resolvemos satisfazê-la entrevistando, inicialmente, José Luis Visconti, seu diretor-geral:

P - Muitas dificuldades na direção-geral, Visconti?

R - Quando nos propusemos a dirigir o GTP, sabíamos das dificuldades - que encontraríamos, mas tínhamos também, e principalmente, consciência da necessidade de dar aos Politécnicos confiança em suas próprias forças e capacidade de trabalho.

Nos últimos tempos, aquêle venerado Grêmio Politécnico de 1903 vinha perdendo forças e seus diversos departamentos, (como a revista Politécnica, Clube de Planadores, etc) sendo consumidos pela passividade,



Aspectos do espetáculo "João a 3x4"

vítimas talvez dos desencontros entre a nova realidade nacional e a conservação dos métodos de luta do movimento universitário depois do "glorioso" primeiro de abril de 1964.

As mudanças de atitude do movimento universitário diante da situação política geral vem sendo feita progressivamente, se bem que já em 1965 alguns universitários sentiram a necessidade e o desejo de um novo tipo de atuação e o teatro foi o preferido. Muitos grupos de teatro universitário nasceram desde aquela época, é óbvio que objetivamente surgiram os bons e os maus. O GTP tentou também renascer daquela onda com a montagem de um Bumba-meu-Boi de Capinan, embora bem conduzido, diante da impossibilidade da apresentação da peça, esfacelou-se novamente.

Êste ano, lançamo-nos mais uma vez na luta, procurando formar uma nova geração de universitários, e como disse um colega: "mais cons-

ciente do papel que deve ter na sociedade brasileira, mais que como tro
pa de choque".

Partimos de um teatro em sua forma mais elementar, constituída por esquetes em "shows" e com universitários também novos, os calouros, e estamos num processo de formação teatral, o que constitui todo o nosso trabalho neste ano, procurando a concretização do grupo, o que possibilitará uma continuidade nos trabalhos, necessária.

P - Quais problemas específicos tem surgido no desenvolvimento do GTP?

R - Bem, a falta de um local, de uma sede de fácil acesso, tem-nos criado problemas, mas isso o Jaime poderá responder com detalhes.

E assim José Luis Visconti, apressado como sempre, parte para tratar de assuntos específicos do grupo, enquanto nos dirigimos em busca de Jaime Pozzetti, diretor-artístico do Grupo Teatral Politécnico, para que ele nos esclareça sobre os pormenores referentes às atividades artísticas do grupo.

Logo que o encontramos lançamos a queima-roupa:

P - O que você acha da evolução do teatro dentro da universidade?

R - Bem... quer dizer, é fácil verificar que o processo de desenvolvimento do teatro universitário, no tempo e no espaço, sempre caminhou a passos lentos: realizações isoladas, apresentações teatrais esparsas, concretizadas apenas pela abnegação de um número restrito de universitários que identificavam-se com essa arte milenar. Mas em confronto com o contexto geral no setor teatral essas apresentações diluíam-se, em vista da intermitência, por demais elástica, na renovação dos espetáculos.

Não obstante, apesar de todos os descaminhos, o teatro universitário, hoje, é fato concreto.

Isso se deve em grande parte ao sucesso obtido pelo Teatro da universidade católica, em Nancy, e a partir da política de favorecimento realizada pela Comissão Estadual de Teatro.

Esse conjunto de fatores conferiu uma nova perspectiva ao teatro dentro da universidade (muito embora essa visão tenha se transmitido com menor felicidade a alguns grupos de teatro universitário, surgidos na mesma época).

P - Porque você prefere o teatro?

R - O teatro é uma síntese de elementos artísticos.

Sua composição engloba uma multiplicidade de fatores, independentes entre si, mas que unidos nos fornecem uma nova forma de expressão comunicativa.

O cenário, por exemplo, vale-se de elementos oriundos de duas outras artes: arquitetura e pintura.

A descoberta da luz elétrica, aplicada ao teatro, a partir de fins do século passado, originou o que podemos chamar arte de iluminação, não nos esquecendo da arte de sonoplastia, que é apoio valioso para o bom rendimento de um espetáculo.

O palco recorre à arte do mobiliário, eventualmente à escultura; a necessidade de que as personagens em cena se completem com figurinos adequados (modernos ou históricos), impõe o concurso da arte da indumentária.

A música, se bem aproveitada, valoriza o desenvolvimento do conjunto; e como o ator comunica-se ao público por meio da palavra, é requisitada a arte literária para nos fornecer caminhos, e da arte de dizer para desenvolvê-los, sendo esta última elemento da arte de interpretação.

E assim por diante, poderíamos nos alongar em outras considerações, para justificar a diversificação de caminhos (através dos quais desenvolvemos a imaginação criativa) e para confirmar a ampla dimensão-artístico-cultural que o teatro nos apresenta.

P - Qual a filosofia de atuação que o GTP desenvolve?

R - Uma análise superficial de certos aspectos da vida diária nos evidencia o período de fragmentação e desencontros no qual vivemos. Isso reflete-se no próprio movimento universitário, ocasionando contradições e desvios que o enfraquecem, comprometendo sua unidade global e a harmonia necessária para a elaboração de objetivos concretos e bem definidos.

A solução imediata, que se nos apresenta satisfatória, é a necessidade de uma integração maior, em todos os sentidos, sob todos os aspectos.

Um dos caminhos é partir de certos elementos que ofereçam, pela própria composição e natureza, características agregadoras de humanização.

Os elementos artísticos estabelecem condições e preenchem essa finalidade, permitindo assim que se atinja uma situação de unidade concreta.

Foi a partir desses dados que nos propusemos a instituir e consolidar o Coral Universitário, com as garôtas da Escola de Enfermagem, aberto a todos universitários interessados.

Foi também a partir desses dados que efetuamos a fusão Grupo Teatral Politécnico-Sedes, com as garôtas que gostam de teatro, de Faculdade sedes sapientiae, iniciada a partir do espetáculo "João a 3 x 4" levada em cartaz em meados de Agosto.

Assim, unidos, desenvolveremos com um rendimento maior as nossas atividades teatrais.

P - Como estão as atividades do Coral?

R - Quanto ao Coral, os ensaios continuam desenvolvendo-se com o maior entusiasmo: dos participantes, do maestro e nosso também.

Objetiva-se a formação de um repertório consistente; porém as atividades não se restringem apenas a isso. Estamos desenvolvendo cursos de aperfeiçoamento técnico-vocal e temos em vista a formação de seminários sobre história da música e análise de autores musicais através dos tempos. Cumpre observar, ainda, os inúmeros convites recebidos para apresentações na capital e interior.

P - E quanto às atividades do GTPS?

R - Inicialmente gostaria de registrar nossas homenagens aos "bichos" de 67, pois devemos fundamentalmente a eles o que o GTPS é atualmente, e estender nossas homenagens às garôtas do sedes sapientiae que agora participam do grupo, aumentando seu dinamismo.

Este ano nossas atividades iniciaram-se a partir do "Bishow-

67", obtendo-se continuidade através do espetáculo "João a 3 x 4", em termos de realizações teatrais e musicais, pois nosso trabalho é contínuo.

Semanalmente realizamos dois ensaios efetuando seminários, onde os próprios "Esquilos" e "Esquilas" desenvolvem conferências sobre: História do Teatro, Estudos Biográficos de diversos dramaturgos, análise de peças teatrais, etc., sendo tudo apostilado e distribuído aos participantes. Além disso, a direção artística desenvolve um curso de interpretação visando a formação de atores. Convidamos, sempre que possível, autores, atores e teatrólogos, do teatro profissional e universitário, para nos fornecer sua experiência e caminhos. E da mesma forma que o Coral, temos recebido convites para a reapresentação do espetáculo - "João a 3 x 4".

P - Você falou em "Esquilos". O que é isso?

R - "Esquilo" ou "Esquila" é uma denominação carinhosa dada a qualquer participante do GTPS em homenagem a Esquilo, um dos três grandes representantes da tragédia Grega (ao lado de Sófocles e Eurípedes) e que pode ser considerado como verdadeiro fundador do teatro. Essa denominação atem-se também àquele bichinho dinâmico e irrequieto que nós conhecemos.

P - Vocês pretendem montar alguma peça?

R - A pergunta é oportuna. Está em fase final um plano elaborado pelos "Esquilos" e "Esquilas" que visa instituir um concurso universitário de peças teatrais, objetivando incentivar o interesse da juventude universitária pelo teatro, partindo, ao mesmo tempo, em busca de novos valores.

A peça vitoriosa, além de obter sua publicação por editora especializada, será por nós encenada.

P - Finalizando: você tem algo a dizer para os politécnicos em geral?

R - Pois não: que tal vocês darem uma visitinha ao GTPS e ao Coral Universitário, heim??

O P I N I Õ E S:

Deixamos o Jaime Pozzetti discutindo novos planos para o grupo e nos propuzemos a sair em busca de opiniões de elementos do GTPS e o primeiro "esquilo" encontrado foi Agnaldo Bracco, que nos forneceu os primeiros dados:

Agnaldo Bracco: "O homem tem na vida cem caminhos: escolhe um e fica com 99 frustrações. O GTPS faz com que esse número desca a 97."

Antonio José Pizorusso: "O GTPS é um meio que dispomos para ampliar e também comunicar nossa cultura".

Arthur S.F.Eid: "Só alcança quem procura e procurar significa lutar, gritar e não esperar. Afinal alguém deve ser portavoza de milhões e o teatro pode ser o meio. Sim, GTPS existe."

Carlos Alberto Vieira: "GTPS - significa um trabalho em equipe, dos politécnicos, que sem saber, acharam a fórmula para a não-alienação".

Conrado Alceste Montineri Jr. "O GTPS cria possibilidades de melhor me expressar e permite que eu tome contato com novos colegas universitários".

Eduardo Saliby: "Vejo uma forma de fugir à bitola politécnica e uma maneira de trabalho, pois o trabalho une verdadeiramente um grupo".



Os ensaios se desenvolvem com grande entusiasmo



São desenvolvidos seminários para o aperfeiçoamento da cultura teatral



A direção artística fornece dados sobre a arte de interpretação...



...com sugestões de todos os "esquilos" para complementação e melhor rendimento na arte criativa que o teatro requer.

Geraldo Lippel Sant'anna Jr.: "Levar teatro ao povo é a missão do universitário. O GTPS dispõe-se a isso".

José Sotelo Jr.: "Vejo nesse tipo de trabalho um exemplo para a solução dos problemas de fragmentação, tanto em nossa escola quanto no próprio meio universitário.

Luís Gonzaga do Nascimento: "Identifico-me com o GTPS pois êle constitui um grupo em que o trabalho é a essência e a integração consequência."

Orlando Bonfanti Jr.: "Procurei no GTPS, não a formação técnica que a escola nos dá, mas o que ela não tem: convívio, formação humana. E achei".

Reinaldo Rubbi: "As atividades do GTPS tem sido do meu agrado, isto é, tem satisfeito até agora as funções a que um grupo de teatro universitário deve se propor a realizar em seus primeiros momentos de organização".

Sérgio Tenenbaum: "Gostamos de teatro. No início do ano vários foram os caminhos que poderíamos trilhar: escolhemos o GTPS."

Sérgio Capozzi:

O G.T.P. é formado em grande maioria por elementos do primeiro ano, na verdade quase a totalidade dos primeiro-anistas que acham que ser universitário não é só ficar sentado ouvindo um professor falar faz alguma coisa no G.T.P.

Como aconteceu isto? Porque êsse pessoal ingressou no G.T.P. e não em outros departamentos do Grêmio Politécnico?

As causas principais foram duas: 1ª O G.T.P. era um departamento novo nêle restava tudo por fazer, nós (primeiro-anistas) mal ingressávamos nêle e já tínhamos coisas importantes a fazer, isso alimentava nossa vaidade (nos sentimos vitais ao grupo) e era refletido num amor ao G.T.P.. 2ª Os homens chaves do G.T.P.: A direção geral do grupo nas mãos de alguém tão dinâmico quanto o Visconti. Todos os biênios se lembram do ex-bigodudo companheiro correndo daque para alí com sua pasta debaixo do braço divulgando, convencendo, fazendo de tudo pela formação do Grupo Teatral Politecnico.

O entusiasmo ao teatro e a liderança nata do nosso diretor artístico Jaime Pozzetti que nos deu condições de formar uma equipe e de enfrentar o palco.

O G.T.P. se formou e está cada vez mais forte pois êle é uma turma unida no trabalho e nada une mais uma turma do que o trabalho comum.

É errado pensar que fazer algo na Faculdade além das obrigações escolares (trabalho do grêmio por exemplo) irá prejudicar nossa formação de Engenheiro. A pessoa no G.T.P. aprende a trabalhar numa equipe (e todos sabem que engenharia é trabalho de equipe). Cada um de nós além de ser ator tem outra função qualquer dentro do grupo v.g. bibliotecário, contato de propaganda, iluminador, sonoplasta, etc. E êsse trabalho nos desembaraça bastante, ajudando nossa formação humanística e nos tornando mais aptos a ocupar uma posição de liderança que como engenheiro temos possibilidade de ter.

(continua na página seguinte)

Para não sermos imparciais locomovemo-nos até a Faculdade Sedes Sapientiae para obter as opiniões das "esquilas" (ou luluzinhas, como queiram). Ei-las:

Lucia Sene: "A iniciativa do GTPS de incorporar "esquilas" do Sedes foi algo de fabuloso. Além do ponto de vista de integração universitária, há o fator de contato humano existente num grupo, que é coisa realmente fascinante. O espírito de equipe que está se formando rapidamente será o louro a coroar o trabalho iniciado".

Célia Reis Camargo:

"O GTPS surgiu de um objetivo que tínhamos ao realizar o POLI-SEDES: a integração. Ela foi maravilhosamente atingida. Mas, o mais importante é que não paramos aí. Agora é o início: Pretendemos, a partir desta união, realizar e concretizar alguma coisa juntos".

Helena A. de Barros:

"Conseguiu despertar o espírito teatral e uma melhor integração universitária.

Mirtes Manna:

"Aos esquilos proporcionou a oportunidade de conhecer "as famosas" Luluzinhas do sedes".

Magda Rayes:

"Trouxe a possibilidade de realizações sociais e culturais juntamente com as outras faculdades".

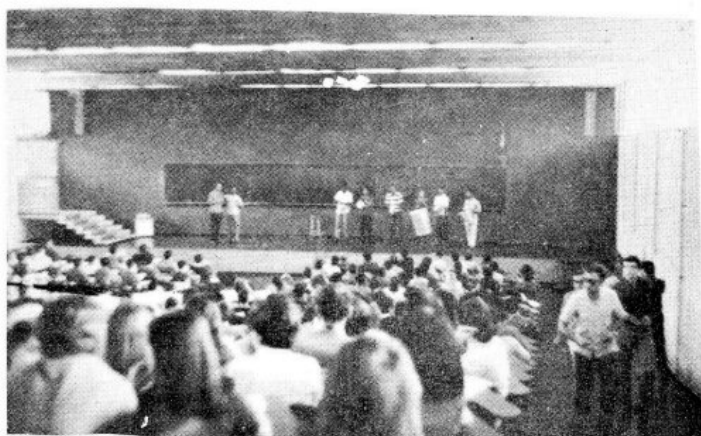
Sônia Maria Akiyama:

"O GTPS tem o mérito de proporcionar a todos um incentivo para a vida cultural e artística. Além disso constitui um movimento de maior integração universitária".

(continua na página seguinte)



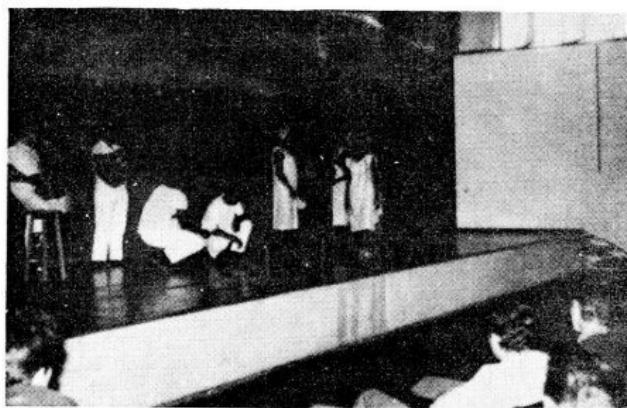
CHEGAM OS COMPONENTES
DO CORAL



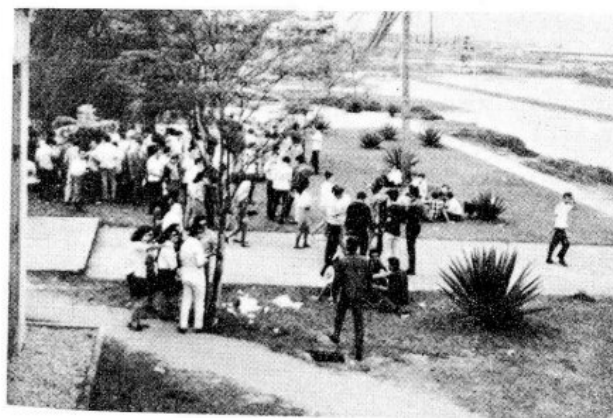
TAMBÉM OS CARIOCAS ARRANCARAM GRANDES
APLAUSOS



O "BATE-PAPO" E O "CHOP" COMPLETAM A
FESTA



O GRUPO QUILOMBO SE APRESENTA



FORMOU-SE A RODA DO SAMBA
TODOS CANTAVAM

O ANIVERSÁRIO-67 DO GRÊMIO

Henrique S. Neves

30 de setembro foi o fim de aniversário; e ao grêmio coube, que o grêmio é a escola, apagar as velas do bôlo.

No fim da festa a Escola mostrou do que é feita (entre muitas coisas feitas e muitos sonhos a fazer). E mostrou o seu Coral (que também lembra o G.T.P.) que era o sonho e que hoje é a coisa feita. As suas 6 músicas foram as 6 esperanças de 600 outras a vir e que andam por aí aguardando a vez de muitos politécnicos e muitos alunos da enfermagem.

Recebemos num entre parênteses o "Ressaltar a importância do fato". O aviso é desnecessário se nos convenceremos de que um fato se faz importante quando é sentido sem se fazer força demais. E de fato a idéia de união (Grêmio) é a mais espontânea possível quando, hoje, existem um G.T.P. e um Coral (opinião consolidada pelo autor no dia 30).

As fotos são o reforço de opinião para depois do dia 30.

Vários grupos de arte popular fizeram com que o politécnico tomasse contato com um outro tipo de manifestação: a manifestação do próprio contato. Assim é que o grupo Kilombo nos apresentou vários compositores e uma encenação de teatro negro bastante importante (restrições à autenticidade). Nos foram apresentados compositores e sambistas da Guanabara (Miltinho, compositor de Tristeza) muito importantes no esclarecimento do desenvolvimento de arte popular (na cadeira ao lado o menino negro dava toda sua atenção a cada evolução dos sambistas).

E no fim, a chopada foi a maneira mais clara de não se colocar dúvidas quanto aos desejos de união. Os esclarecimentos se deram nas rodas de um violão acompanhado da voz de todos.

As músicas que alguns sabiam cantar (e nem todas) foram a união também. As composições dos compositores negros foram o contato. E o protesto e as dúvidas também.

Quando estudantes procuram colocar fora de sua Universidade uma visão de luta, é necessário que esta visão parta clara e sem contradições. O Grêmio que esclarece e une está dando um passo decisivo para a luta.

(continuação: GTPS)

Maria Selma de Carvalho: "Maior entrosamento de idéias, mais união entre jovens, tudo isso redundando numa mentalidade mais adulta e esclarecida. Isso é GTPS".

Reportagem realizada por Howard Chui e Betão *****

DA VIRGINDADE

A sociedade que constituímos prima pelo formalismo. (É claro que eu tinha de começar estas humildes considerações numa retórica pichação da sociedade é o modo mais cômodo). Nós nos contentamos com o "know-how" (saber como) sem nos preocupar com o "how?" (por quê?).

Isto é bem patente no caso da virgindade. Todos nós "sabemos como" e o "porquê", já é uma outra história... O "know-how" é ditado pelo dogma social: "A mulher deve casar virgem; o homem, quanto mais virgem melhor". E isto é o que nos ensinam; tôdas as pressões sociais estabelecem-se neste sentido. "Todo o mundo age assim..." (sem querer ser chato, todo o mundo é feliz assim?)

Mas esta "verdade" é contestada. Uns acham que devemos quebrar tabus, que as mulheres devem ter os mesmos direitos (sic) que os homens, que esta estória de mulher virgem não é moderno etc. etc.. Outros (e aqui incluem-se os moralistas) acham que os homens também devem casar virgem. O que, por sinal, também iguala os sexos (por favor, não tomem isto literalmente) e quebra um tabu.

A perda da virgindade exige uma opção (ou um estupro, caso patológico policial que, como bons (?) alunos de MecFlu, consideraremos desprezível). E esta opção já se encontra feita antecipadamente. As poucas armas que temos para defender nossa virgindade são irrisórias diante do batalhão de argumentos e exemplos, que proliferam em nosso redor. Para a gente deixar de ser virgem é extremamente fácil e simples. (Não sou eu que precisa dizer isso). Existe até um crediário. As mulheres podem, ainda proteger-se com o escudo de uma tradição milenar.

Um fato que depõe contra a virgindade são os virgens, em sua grande maioria, gente sem personalidade (atentem para esta máxima: "sou virgem, que pena!"), ou são tímidos, ou são do tipo "têm-mêdo-de-mulher"...

Continuar virgem, eis a escôlha de u'a minoria. Qual o porquê dos virgens?

Alguns porque ouviram os moralistas- não ser virgem é imoral, é muito feio. Imagino como êstes caras devem sofrer interiormente ao verem passar cada "bôca" e não toparem por causa duma imposição extrínseca.

Há aquêles que são virgens por convicção. Orgulham-se de sua própria virgindade, e sentem que ela o auxiliará a atingir maior perfeição humana, e que sua atitude poderá servir de exemplo àqueles que devem optar. Quem são êstes? Os santos, dirá o povo.

Fundamentar intelectualmente sua atitude sem aquêles apôio afetivo dos outros que pensam e agem ao contrário exige, sem dúvida, uma predisposição firme. A virgindade, assim, é fonte de riqueza interior, de autodisciplina ("Se V. não fôr capaz de usufruir dêste manancial, a zar seu!").

Ainda resta tôda uma bibliografia especializada, que nos fornece a "ideossincrasia da virgindade". Fala-se em pureza, em sacralização e respeito ao corpo do próximo e ao próprio corpo, em espiritualidade. Mas, como diz o sempre citado povo, isto só serve para os santos e "ninguém neste mundo é santo" (ninguém, mesmo?)

Emílio Haddad

O PERIGO DOS
COMPUTADORES

Nos últimos anos têm se desenvolvido em larga escala a fabricação dos computadores. Os jornais publicam diariamente notícias referentes a novos usos nos diversos campos da atividade humana. É realmente notável a redução de certos trabalhos físicos e mentais introduzida pelos sistemas automáticos em geral.

Entretanto, a tendência dos computadores é a de realizarem cada vez maiores "maravilhas", chegando talvez um dia o homem à "sublime maravilha": não precisar pensar. Existem muitas pessoas que encaram ceticamente esta possibilidade. Porém, homens que estão ligados ao desenvolvimento atual da cibernética mostram como isto está tendendo a realizar-se.

O Dr. Georg Unger, (diretor da seção de Astrofísica da Universidade livre da Ciência Espiritual, na Suíça) em recentes conferências, mostrou como parte formal do pensamento humano pode realmente ser colocada em fórmulas lógicas, que por sua vez podem ser traduzidas em linguagem de computador. Pode-se observar também que a tendência atual é de dar ao computador uma certa "independência" e adaptabilidade, assim co levar o homem a cada vez mais tomar suas decisões co juntamente com a máquina. Isso já está sendo feito (Vide IEEE transactions on human factors in electronics - March 1967: Man-computer input-output techniques, na biblioteca de eletricidade).

Uma questão a ser levantada é a de que é o próprio homem que constroi e "alimenta" o computador. Na realidade, o homem dá à máquina os elementos básicos sendo que ela agirá sempre com os mesmos, mas para cumprir cada vez um maior número de funções não sempre previsíveis. Além do que, o "freguês" não teria acesso à parte de construção e programação, privilégio de alguns especialistas, principalmente, engeneiros eletrônicos.

Mostrada a possibilidade do homem deixar uma máquina pensar por ele, resta saber se a aceitaria.

Vendo ao redor de nós a procura constante de radio, televisão, jornais, idolatria técnica, cinema, sexo, LSD, "yé-yé-yé," hippies, barulho, alcool, fumo somos levados a crer que grande parte da humanidade atual adotaria o que seria afinal um melhor meio de não pensar.

Assim, o homem encontra diante de si um enorme perigo, se não souber controlar o uso dos computadores. As futuras gerações poderão ser educadas por robots e mesmo conviver totalmente com eles. (Vide revista acima citada June 1967: Computer teacheng) O caminho para a inconsciência, a gradual perda de individualidade, vontade e liberdade serão tremendamente facilitados. E o terrível pesadelo poderá se tornar uma realidade.

Rolando Turini

À MERDA COM OS POETAS!

Não todos, só alguns, não os de ação, mas aqueles que julgam realizar um papel altamente higiênico pairando sôbre etéreas nuvens por sôbre um oceano de excrementos no qual parece que só êles por milagre não de-ram refrescante e merecido mergulho.

O mundo, senhores, não se pode dividir entre os que querem e os que não querem a lágrima do flagelado, por que a hipocrisia nos faria cometer muitos êrros.

O mundo se divide entre os que fazem algo por enxugá-la, por acabar com a lágrima acabando com o flagelo, e entre os que apenas se lamuriam, muitas vêzes em suspeito concubinato com os flageladores.

Cantar ou escrever sôbre a beleza do morro e da favela, perguntando por quê há gente que só fala em sua miséria é admissível, embora criticável, num estudante bem alimentado e vestido, mas é incoerente num maltrapilho que acorda às quatro da manhã para tomar duas ou três conduções e voltar a casa às nove da noite. Não é nenhuma proeza intelectual gostar dos Beattles, nem ouvir a Maria Bethânia ou o Chico, basta - eu disse basta e não bosta, amigo poeta - basta dar algumas voltinhas nos botões da vitrola ou, quem sabe, do radio da "caranga". Mais difícil, porém, é sentir a vida e os sofrimentos do povo simples que a Bethânia canta. E mais difícil, terrivelmente mais difícil, é desligar depois a vitrola ou o radio do carro, ou deixar de escrever poemas ingênuos em horas de folga, saindo por aí, não para cavar a amiza de dos humildes, mas para terminar com sua admissão, nem para conhecer os tristes, mas para acabar com sua tristeza não, enfim, para amar as coisas tortas, mas para ajudar a endireitá-las.

Ver a vida fluir ante si pelos olhos do bom menino, gostar do Chico de quem, naturalmente, já se comprou todos os discos, pois que para isso dinheiro papai já deu, torcer pelo Corinthians, ter a alma limpinha com sabonete de boa categoria, isto é bom para um moço casadoiro, mas não basta para alguém que queira produzir algo concreto.

Por isso, amigo poeta, vamos não só escrever lindas palavras - "amor, trabalho, comida, instrução, liberdade, respeito", etc.

Vamos sim lutar para que não só você, mas também, por exemplo, os filhos das faxineiras que limpam todo dia as privadas da Escola, onde você faz seu pipi perfumado de poeta lirico, crianças estas que, como você sabe, são futuros faxineiros ou os pedreiros que erguerão com cal o suor sua casa de - espero - "engenheiro bem sucedido" e que não vão aprender a ler nem ao menos para saber que você quer suas lágrimas, possam êles ter não só o amor de suas mães, mas também "trabalho" de homens e não de animais, "comida" e não o amor e feijão da marmitta que você pode cantar, mas onde você nunca comeu, "liberdade", há de ser homem e não bêsta humana e "respeito", como o que dedicam a você suas mães, os faxineiros.

Enfim, amigo poeta, não basta dizer que outros fazem demagogia em torno da miséria e do sofrimento. Por que se fazer demagogia em torno disso é canalhice; fazer apenas demagogia em torno da demagogia de alguns, desacreditando até os muitos que já chegaram a dar suas vidas em holocausto à Humanidade isto é, amigo, canalhice elevada ao quadrado.

Carlos Carreño

M.R.Robilotta

Não se pode negar, tal a evidência dos fatos, a ligação arte-ciência. O processo normalmente observado na evolução do pensamento humano é o seguinte: o artista capta "algo como que existente no ar", por meio de sua sensibilidade e intuição, transmitindo essas impressões na obra de arte; o cientista transforma êsse "algo", essa intuição, em teorias científicas, mais racionais, na obra de ciência.

Os exemplos desse processo não deixam margem a dúvidas. Dentre alguns:

No fim do período Neolítico e no Grego Arcaico a pintura passou do realismo objetivo (representação de animais) as formas geométricas e abstratas. Algum tempo mais tarde Pitágoras e Euclides lançavam a Geometria com bases científicas.

Do ano 400 ao ano 1.200 prevaleceu na arte a direção obscurantista da Igreja (estilos românico e bizantino). Nos séculos XI e XII a arte reagiu à êsse rígido controle. Duzentos anos mais tarde, com o renascimento, o homem faz o mesmo.

A pintura Rococó denunciou a insegurança da nobreza na França 100 anos antes da Revolução Francesa.

O impressionista dividiu totalmente as cores sobre a tela, chegando até o extremo do pontilhismo. Pouco depois o cientista dividiu a matéria (descoberta e estudos sobre o átomo).

Alguns pós-impressionistas fizeram arte exprimindo seus impulsos interiores por meio de cores berrantes (Van Gogh); Freud lançou posteriormente suas teorias sobre a mente humana.

O cubismo misturou nas telas o espaço e o tempo. O cientista fez o mesmo na teoria relativista.

E daí por diante.

Hoje se fala em englobar ciência e arte em uma manifestação só; note-se a valorização que se dá atualmente à pesquisa artística.

Daí a necessidade da atualização artística, já que basta apenas saber ver para enxergar mais longe. Sem dúvida a fusão arte-ciência é um dos aspectos que você deve observar quando for a IX Bienal, ora em andamento no Ibirapuera.

Do meu apartamento vejo sua fisionomia absorta. Ela está encostada à janela; os olhos semi-cerrados, imóveis - os cílios ondulados parecem um anteparo contra a luz solar, seus lábios rosados e bem delineados dormem esquecidos. Sua figura frágil se lança ao ar como uma triste ternura. Os braços finos estão caídos junto a suspiros e feridas remotas, que já não doem, mas que amanhecera com vontade de bulir. Suas roupas pobres, de um mal gosto tremendo, dão um sabor especial a este quadro de sentimentos avulsos.

Estou a lhe observar por mais de cinco minutos (e esta não é a primeira vez que ela permanece ereta como um poste), e, no entanto, neste intervalo ela não mexeu um fio de cabelo sequer. Ela deve ter mais ou menos dez anos. Veio residir aqui em frente faz pouco tempo. Acho que trabalha como doméstica, pois a vejo sempre de vassoura em punho e às vezes com um lenço na cabeça e outras ainda de avental.

Ela está parada, segurando uma vassoura, como se guardasse as ruas preciosas com seu imponente dardo. Parece iminente um arremesso firme e decidido, e, contudo, seus gestos são calados, misteriosos e hirtos. Sempre me ocorre que ela vai se trair num movimento brusco, mas até hoje não consegui antecipar o momento exato de sua descontração, a qual acontece quando alguém de dentro da casa pronuncia seu nome; ela, então, acorre com muita calma; e a passos contados se imiscui paredes a dentro (nunca foi preciso repetir o chamado, pois ela sempre atende sem vacilar).

Vejo que agora ela pisca. Vira o rosto de lado; parece que olha algumas flores brancas do jardim. Sua atenção prende as claras imagens com suavidades infantis. Seus sonhos descem lentos e se deitam desprevidos entre as pétalas úmidas; as flores abrem seus membros com vivacidades etéreas e acolhem o ócio com dolência íntima; permitem que aqueles olhos pequeninos busquem o inefável nos arcos distantes. É curioso como até as flores colaboram com esta paisagem silenciosa, onde os sonhos pairam no céu com intensidade feérica.

Que será que ela sonha? Que ela pensa? Talvez não sonhe com nada, talvez nem tenha o que pensar. Mas ela parece que retém preocupações tardias, de algo que sucedeu com ardência imensa; e que agora continua como uma chama queimando sua tenra lembrança. Pode ser que ela já tenha vivido momentos repletos de emoção, e este silêncio perante a vida tenha causas sofridas. E no entanto tudo que dela sei é que seu lazer é ficar prostrada na janela sem rir, sem corar de tristezas. Será que ela pensa no futuro? Será que se apercebe da falta de perspectiva, que a envolve, quando se encontra de vassoura na mão e respira a poeira que ela própria levanta? Será que ela distingue entre enxugar pratos e enxugar lágrimas? Será que ela sabe que há muita gente como ela, vivendo o dia inteiro em casa alheia, pronta a abaixar a cabeça a uma só ordem, a qual muitas vezes é contra sua própria pessoa?

"Que será dela?" - pergunto.

Não creio que ela tenha tantos pensamentos, assim, que sua percepção seja tão apurada a ponto de desenvolver idéias que muitos adultos nem desconfiam. Além do mais ela é uma criança de dez anos.

Apesar de tudo não tenho pena de sua situação. Só me compeço dos coitados e nulos de espírito. Ela surge tão séria, tão completa, tão cabal; que domina a paisagem com olhar manso e inspira a-

TRANSFIGURAÇÃO

Nos vértices da percepção
De uma qualquer forma
Geometria adimensional
Sem face, símbolo ou idealismo
Desenha-se um Sêr.

E a solidão
De tôdas as flôres
E seus modelos perfeitos de plástico
Que enfeitam a Bolsa de Valores
Impregnam o sorriso
Dos Cadáveres do Futuro.

E todos os seres
Em tôdas as mortes
Em tôdas as terras
E leitões
Amorfos e carcomidos
Fitam ainda uma curva estranha
Descoberta no Universo

Os Deuses reunidos

Num Super - Mercado
Discutem
A violação do Espaço Etéreo
E a corrupção na História.

Uma essência
Em todos os modos

Um fato dialético
Em todos os restos

Uma ordem real
Sem ordem metafísica.

Acalma a intuição

O gesto
Perplexo
À pouca revolta

E a grande guerra retorna ao papel

Ivo Assad Ibri

(continuação: Janela Aberta)

mor com seus rasos seios, impondo uma presença densa entre os entes semi-apáticos, irradiando-lhes um espectro invisível e cheio de ausências esperançosas.

Neste momento ela se volta - alguém a chama - ela ajeita o cabelo liso e preto com a palma da mão e dirige-se para dentro com serenidade. Ela se foi. A janela assume uma dimensão mais ampla com sua ausência; resta um vazio recobrando um vasto espaço, um vazio insípido - que sente estranhezas de uma singela menininha.

Howard Chui

O homem sòzinho na rua sem graça,
Arenga sem rumo seu canto sem fé.
Cheirando a cachaça,
Rabisca no espaço
Seus riscos de dedo
Que fedem rapé.

O HOMEM
SÒZINHO

Na noite que dorme no lixo dos becos
Arrasta seu longo caminho sem luz.
Os rostos lhe apontam só portas fechadas,
As mãos lhe não negam promessas de cruz.

Seu frio repouso é sofrido nas pedras
Dos mil viadutos de sua indigência...
E d'alma roída restam andrajos
Iguais aos que cobrem de manchas suspeitas
Os restos que restam de sua existência.

O homem sòzinho não tem nem idade,
Pois o amor que a demarca nunca conheceu.
Seu beijo é de trevas, seu filho é de lama,
Seu canto de amor, nem é canto, nem seu.

.....

O homem sòzinho não viu o automóvel,
O homem sòzinho não ouviu buzina,
O homem não viu nem luzes, nem nada,
Nem ouviu gente correndo assustada...
Não viu.

Nem o asfalto com nova côr,
Nem à sua volta aglomerado o horror.

.....

O homem sòzinho na rua arengava
Um canto sem graça, sem rumo e sem fé.
Cheirava à cachaça,
Riscava no espaço
Rabiscos de dedo
Fedendo a rapé.

Lineu Ayres

então eu me afasto
num murmúrio
num lamento
sem que ninguém se aperceba
gestos bem cuidadoso precisos
caminho assim até a amurada
meus olhos ressuscitam
e miro então o sossêgo
reflito momentaneamente
num volteio
sôbre a caridade humana
o perdão a paz o amor...
mas tudo é inútil não é possível
esconder os reais intentos da noite
e de um coração apaixonado
então num arremate que a mim me es-
panta
baixinho para a só ternura da relva
santa
nupcial...

pronuncio o teu nome
para a grande confusão dos grilos
e dos anjos meus olhos choram
como a noite...
cuido então que êle não se espalhe
não se desperdisse inútilmente
como o vento em rápidas aventuras
e êle permanece
garanto a você
alí depositado
em sossêgo...

eu velarei por êle noite após noi-
te
sereno
com um perdão pronto nos lábios
sedentos!
em paz com os elementos...

Jocelyn

CARTA POLÍTICA DA UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES DE SAO PAULO

O congresso da UEE não deve existir simplesmente como um encargamento de um dever estatutário, mas como um momento de um processo de crítica e auto-crítica, de um balanço rigoroso do encaminhamento da do este ano ao movimento Estudantil em S. Paulo, visando a corrigir, esclarecer e aprofundar a teoria e a prática da entidade. Este XX congresso teve, nesta atitude crítica, um dos seus pontos mais importantes e essa parte foi cumprida, um pouco dificultada pela atitude irresponsável e divisionista de uma facção que se recusou à discussão aberta e construtiva. Esta carta traz destacadamente esta auto-crítica, junto com as posições dos estudantes paulistas tomadas neste XX congresso e que constituem um aprofundamento da Carta Política da UNE.

AUTO-CRÍTICA DA ATUAÇÃO DA UEE

As entidades estudantis cabe conduzir tôdas as lutas da base, desenvolvendo-lhe o conteúdo para dar-lhes o encaminhamento correto. À UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES cabe a coordenação das lutas já encaminhadas pelos centros acadêmicos, quando estes se encontram de fato ligados às bases; ou coordená-la através de esquema próprio onde não existe atuação do respectivo CA. (frentes ou comitês).

O compromisso fundamental das entidades deve ser com a base estudantil que as escolheu depositando nelas sua confiança. O compromisso da UEE deve ser com os universitários do Estado: sua perspectiva deve ser o encaminhamento das lutas estudantis - sejam elas reivindicatórias, com seu caráter específico, sejam políticas. É importante a condução das lutas reivindicatórias em âmbito estadual porque, conseguimos com a vitória atingir um objetivo imediato do movimento universitário, em provar nossa força e nossa possibilidade de travar a luta política - que coloca em choque a própria base do sistema capitalista. A luta reivindicatória pode ser também um fator de mobilização e organização. Dizemos "pode ser também" um fator de mobilização e organização porque isto não é mérito exclusivo da luta reivindicatória. As lutas políticas, também, têm esta função. Elas situam-se num plano mais geral e integram efetivamente o movimento estudantil na luta global dos trabalhadores.

No entanto, é impossível querer-se a globalização das lutas estudantis independentemente da vontade da base estudantil. Não será uma entidade bem organizada - por sua simples vontade - que dará condução correta das lutas se a base não estiver vendo o sentido das lutas a serem travadas. É, exatamente, a base não vê o sentido das lutas quando se restringe ao plano puramente reivindicatório, quando se dá apenas a perspectiva da luta específica, como também quando se fica na generalidade de lutas políticas mal delineadas. A grande dificuldade de encaminhamento do M.U. está aí. É fundamental desenvolver-se simultaneamente e relacionando as duas formas de luta para que não se caia em nenhum dos dois extremos, ambos prejudiciais ao movimento universitário.

Como conseguir isto?

O primeiro passo é ter uma visão correta disso. Depois é instrumentalizar corretamente a base estudantil organizando-a para que possa ter uma visão conjunta dos problemas existentes. Em terceiro plano dar ao M.U. organizado um objetivo imediato e mediato a ser atingido.

Isto é tarefa de todos, porém, especificamente das entidades, vanguarda de todo o movimento. A visão de tudo isso, porém, não é espontânea. A UEE 66/67 adquiriu esta visão no processo de luta. Foi a prática que nos deu a perspectiva de como atuar mais corretamente. É

verdade que tínhamos um programa. No entanto, por não termos clareza de levá-los às bases, nem sempre conseguimos cumprí-lo. Vemos agora que tínhamos muito que aprender durante o próprio desenrolar da luta como qualquer diretoria que tem a preocupação de agir corretamente - para podermos atuar fora de uma perspectiva de cúpula. Reconhecemos que nossa prática mais correta foi se dando à medida que adquiríamos experiência na própria prática. Isso porque víamos erros na condução do movimento universitário e tínhamos a perspectiva de agir corretamente.

Cabe aqui um histórico do que foi a gestão de 66/67.

- 1- O congresso da UEE em 1966 realizou-se num clima de grande agitação e repressão. Por isso não houve nem discussões, nem planejamento de atuação. Não se tirou dele carta política ou documento que orientasse a nova gestão.
- 2- Eleições: duas chapas disputaram às eleições sendo que a vencedora obteve u^a margem muito grande de votos. Sendo a eleição por chapa e não por cargos, o resultado é que, devido ao baixo nível político do M.U. naquela época a facção derrotada assumiu um papel pouco construtivo fazendo luta à parte, abstendo-se em muitas ocasiões e até boicotando o trabalho da entidade. O resultado desta posição negativa levou à sectarização de uma boa parte do M.U.: portanto, uma perspectiva errada. As lideranças devem ter clareza para que isso não se repita. Tal divisionismo no M.U. é prejudicial e só pode fortalecer às forças interessadas em enfraquecer o movimento. O fundamental é o trabalho a ser desenvolvido, o que necessita da união de todas as forças interessadas.
- 3- A chapa vencedora, como já dissemos, tinha muito que aprender para conduzir corretamente o M.U. O critério de escolha dos nomes no ano passado teve incorreções. Tanto assim que nem todos assumiram o trabalho, o que fez com que os elementos disponíveis arcassem com o trabalho em excesso, prejudicando o próprio M.U. Vemos agora, que a perspectiva política é básica para aceitação de elementos para uma chapa de UEE. Nunca nos devemos guiar pela capacidade administrativa de alguns. Apenas a perspectiva política pode manter dez pessoas num trabalho de nível estadual colocando em risco a própria segurança pessoal por ser a entidade lançada na ilegalidade pelo governo. É um compromisso muito sério que só pode ser mantido por uma firme perspectiva política. As futuras chapas deverão ter clareza deste critério e para não cair nos erros cometidos no passado.

Isso explica as falhas em que incorremos nesta gestão: a falta de condução das lutas específicas, como a dos excedentes onde houve apenas um trabalho esporádico, e disperso, ou o caso das anuidades onde não se conseguir encontrar um fator que unificasse o problema nas várias escolas.

A UEE de S. Paulo procurou sempre trazer para seu campo de ação as decisões tiradas em nível nacional e engrossar fileiras ao lado das outras UEEs, fortalecendo a UNE. Assim procurou ser porta-voz das decisões nacionais no Estado: o voto-protesto em novembro de 1966, as manifestações contra "posse" de Costa e Silva, as manifestações de 12 de maio em Sto. André, a realização de seminários regionais sobre a infiltração imperialista no ensino, a preparação do Congresso da UNE em S. Paulo.

Aqui, um ponto deve ser destacado: a decisão do conselho da UNE de fazer a preparação de seu XXIX Congresso pela base, organizando os estudantes em pequenos grupos (comitês ou frente de trabalhos). Em S. Paulo, isso foi endossado pela UEE. Hoje podemos dizer que o Congresso da UNE e depois, o XX congresso da UEE - onde foram representados todo o interior e a capital - foram frutos desta preparação pela base. No entanto esta preparação teve falhas. Não se conseguir ain-

da uma ampla organização da base. É uma tarefa ainda a ser cumprida em todo o Estado. A perspectiva foi correta, o trabalho deu resulta do principalmente porque mostrou a possibilidade de tal realização.

Achamos, no entanto, que a forma mais correta de fazer auto-crítica é corrigindo os erros e reformulando a linha de atuação na prática e não apenas teoricamente. O trabalho realizado mostrou erros e acertos. A perspectiva é cada vez mais o fortalecimento de todo o M.U., para que consiga contrapor-se ao atual regime de ditadura de classe, ao lado das classes trabalhadoras.

PERSPECTIVAS POLÍTICAS GERAIS

Para podermos delimitar a função do Movimento Estudantil na luta global dos trabalhadores contra a dominação de classes, função essa que constitui o próprio objetivo estratégico do movimento, precisamos dirigir nossa análise para o conteúdo social deste movimento, a análise essa que nos dará uma visão dos limites e das possibilidades do M.U., o que nos permitirá definir o papel do M.U. na luta dos trabalhadores e que orientará a nossa atuação.

Os estudantes na sua maioria, provém da classe média, esta se caracteriza exatamente por não ter um interesse de classe homogêneo. A sua unidade se realiza no plano ideológico; se atentarmos para os seus interesses específicos, relacionados com o lugar que ocupam no processo de produção capitalista, veremos que, levados em conta, esses interesses serviriam exatamente para cindir a pequena burguesia. Composta tanto por setores assalariados como por pequenos industriais, pequenos comerciantes, profissionais liberais, etc. No setor urbano e pelo campesinato, isto é, os pequenos proprietários de terra, (posseiros, meeiros, etc.), na área rural "a classe" média por não ter interesses econômicos da mesma natureza para as diversas camadas que a compõe não tem um interesse político que a caracterize enquanto classe social. Este interesse político oscila, portanto, entre os interesses das classes polares da sociedade - a burguesia, o proletariado - em função do sentido que adquire a mobilidade social nesta camada, seja, tendendo para a integração nas classes possuidoras dos meios de produção, seja tendendo para uma proletarianização crescente. Esta indefinição da pequena burguesia - que é um fenômeno momentâneo ou passageiro, mas uma característica constante desta camada - se traduz na sua ideologia "ante-extremista", mantendo-a longe dos "extremos" que impedem sua ascensão social individualista - o capitalismo monopolista e o socialismo. Essa indefinição serve as classes dominantes que, agitando a bandeira do anti-comunismo ou oferecendo-lhe possibilidade ilusória de ascensão social, utilizam vastos setores da classe média fazendo-os aderir à sua perspectiva política da integração ao grande capital internacional. Mas existem setores da classe média e, entre estes o Movimento Estudantil se destaca, que tem condições objetivas de aderir a luta das classes dominadas, isto é, aderir à luta das classes cujos interesses as levam a propugnar por uma transformação revolucionária da sociedade. Essas classes são aquelas que nada possuem a não ser sua força de trabalho que vendem a vil preço às classes dominantes que daí deriva seu lucro e sua riqueza em troca de salários que as mantêm num nível de existência sub-humana. Essas classes que constituem a maioria oprimida do povo brasileiro e de todos os povos oprimidos pelo sistema capitalista. São as classes que historicamente aspiram à revolução, isto é, à destruição do próprio sistema capitalista e seu instrumento: o Estado burguês: os trabalhadores da cidade e do campo.

A fase atual desta dominação de âmbito mundial, se caracteriza pela tentativa de consolidação do sistema de exploração: o capitalismo monopolista que internacionaliza a exploração do capital de modo a que algumas nações ditas desenvolvidas, lideradas pelos USA do

minem economicamente outras ditas "subdesenvolvidas". O Imperialismo econômico exacerba-se em nossos dias sob a forma de intervenção militar direta, como no Vietnã, no Congo ou na República Dominicana, ou indireta fomentando golpes militares que asseguram no poder as classes burguesas locais como no Brasil e na Argentina radicalizando cada vez mais a exploração dos trabalhadores do mundo em proveito do capitalismo internacional integrando-se às classes dominantes locais. A ditadura militar nada é senão a forma atual da ditadura da classe burguesa imposta internamente pelas classes dominantes brasileiras integradas que são no processo mundial de dominação imperialista.

O Movimento estudantil vem caracterizando sua luta política como uma denúncia mais ampla e profunda da ditadura e do imperialismo. Entendemos que uma luta anti-imperialista consequente deve desmistificar a definição de "sub-desenvolvimento" dada pelo imperialismo, a qual se ligam as idéias de "atraso econômico", de "oligarguias retrógradas" dando ao sub-desenvolvimento um caráter fatalista que necessita de soluções humanitárias e desligando-o das suas verdadeiras origens e do seu verdadeiro sustentador: imperialismo norte-americano aliado às burguesias locais. Portanto, nunca devemos desligar a luta contra a ditadura militar e o imperialismo, ambos produtos do capitalismo moderno, de uma luta dirigida contra o próprio sistema não apenas contra suas manifestações mais epidérmicas. Essa luta política empreendida pelo movimento estudantil tem portanto objetivos que se identificam com a luta das classes dominadas, se bem que hoje, os movimentos operários e camponeses se encontram desmantelados por causa da opressão às tentativas organizatórias das classes trabalhadoras, é errado pensar que cabe ao M.U. organizar estas classes. A integração propugnada pela carta da UNE deve significar a adoção, por parte do M.U., da perspectiva das classes trabalhadoras, e esta adoção já implica em tarefas a elas ligadas. Cabe ao movimento estudantil, hoje, uma solidariedade ativa às lutas que os operários, camponeses e outros setores da sociedade começam a travar.

Cabe ao movimento estudantil fazer um levantamento da situação das classes trabalhadoras de modo a ampliar e aprofundar a denúncia da ditadura de classe, coligindo dados sobre a repressão à operários, intervenção sindical, arrocho salarial, etc. Cabe ao M.E. divulgar sua luta política em todos os setores através de manifestações próprias e participar de manifestações populares. Colocam-se ainda tarefas de assistência à medida que a tarefa fundamental de levantamento seja levada a efeito assistência médica, jurídica, alfabetização).

O desenvolvimento da luta política contra a ditadura e o imperialismo e as tarefas de integração do M.E. na luta dos trabalhadores não devem levá-lo a se afastar de suas bases. Ao contrário, deve-se fazer chegar às posições políticas de todas as escolas para serem debatidas e aprofundadas e, o que é muito importante, nunca desprezar as lutas específicas estudantis e sim empreendê-las com todo o rigor. Levadas corretamente articuladas com a luta política, as lutas reivindicatórias podem conduzir os estudantes a compreensão da perspectiva política da vanguarda, de que só uma transformação radical da sociedade corrigirá os defeitos da atual estrutura universitária. As lutas em torno de problemas imediatos - verbas, vagas, luta contra regulamentos, etc. - fortalece sobremaneira o M.E. em suas bases. Elas permitem ampliar o grau de mobilização, organização e educação do conjunto do movimento. Elas facilitam e preparam em certos casos o desencadeamento da luta política.

Essa dupla direção do M.E. para fora do âmbito das escolas e para os problemas das bases guarda uma unidade fundamental. As tarefas enormes que se colocam hoje para o Movimento Estudantil exigem

o fortalecimento das entidades livres UNE, UEEs, DCEs, e CAs, e a organização das bases através de frentes de trabalhos e comitês que deem o verdadeiro impulso a teoria e a prática do movimento, sempre com a perspectiva de integrá-lo, como força auxiliar, na luta dos trabalhadores da cidade e do campo.

PROBLEMAS ESPECÍFICOS E ORGANIZATÓRIOS

A medida de ditadura que atualmente atinge mais diretamente o M.E. é a aplicação dos acôrdos MEC-USAID. Eles têm sido levados a prática de maneira coordenada e racional. As escolas que estão sendo montadas pelo Estado o são dentro da estrutura exposta pelos acôrdos. Alguns cursos são fechados, outros transferidos de local, há remodelação de universidades, tudo sôbre a desculpa oficial de que nossas universidades precisam ser remodeladas dentro de um padrão de "eficiência e racionalidade".

Por baixo da propaganda oficial esconde-se a verdadeira face dêstes acôrdos: adaptação da Universidade Brasileira aos interesses do capitalismo monopolista visando aperfeiçoar o sistema de dominação ideológica já exercido pelo imperialismo.

Para aplicar o MEC-USAID, o govêrno precisa remover todos os obstáculos e o maior dêles: a consciência política, a combatividade, e a organização do M.E. As tentativas malogradas da ditadura de classes encarnam-se na lei Suplicy e seu subsidiário o decreto Aragão. A estrutura proposta pela ditadura ao M.E. através destas duas leis, faliu miseravelmente graças a tomada de posição clara e inequívoca do M.E. mantida durante os momentos mais agudos da crise. Porém, a derrota da imposição ditatorial levou o M.E. a considerar sem perigo a sua existência e a retomar seu ritmo normal, sem perceber o perigo latente devido a dualidade de estruturas que ainda prevalecem. As divergências existentes são determinadas pela multiplicidade de casos particulares que exigem soluções particulares, mas pode-se sintetizar o problema da seguinte maneira: a maioria das escolas possuem tanto um C.A., entidade livre, como um D.A. Suplicy. Outras por não ter os meios materiais necessários para manter um C.A. tem que aceitar o D.A. como entidade. Em certos casos, as vanguardas concorreram as eleições do D.A., em outros o boicote foi total. As resoluções da UNE são bem explícitas quanto à orientação a ser tomada. O princípio básico é o fortalecimento de entidades livres.

Isto é válido, qualquer que seja o nome da entidade, onde há um C.A. forte deve-se eliminar ou submeter o D.A. ao C.A. Quando o C.A. é fraco ou inexistente, pode-se tomar o D.A. e fazê-lo ser livre na prática, nunca deixando a reação a possibilidade de tomá-lo desligando-o da estrutura Suplicy, submetendo-o, por exemplo, aos DCEs, UEE e UNE. O essencial fica sendo a atuação de uma entidade representativa livre na prática.

Além desta tentativa de articular, ou melhor, desarticular e subjugar o M.E., a ditadura de classes manifesta-se por outros decretos que visam cercear a liberdade de ação dos estudantes. A portaria 373 da USP é um dos muitos exemplos da tentativa governamental de instrumentalizar a repressão no M.E. Êste tipo de medida não tem outra finalidade que a de preparar caminho para a implantação dos acôrdos MEC-USAID na USP. Provas concretas disto são as fornecidas pela comissão de reestruturação da Universidade (a USP deve-se transformar em fundação de caráter privado) e com anúncio feito pela reitoria que no próximo ano seriam cobradas anuidades.

Hoje portanto a luta fundamental dos estudantes, aquela que mais condições tem para mobilizar uma grande parcela dos estudantes paulistas por ser uma luta, ao mesmo tempo, específica e política, é a luta contra a perspectiva político-ideológica do acôrdo MEC-USAID, a denúncia do seu caráter pretensamente apolítico e técnico, mostrando

seu verdadeiro conteúdo ideológico - o enquadramento político-ideológico da universidade no sistema capitalista internacional, do qual a ditadura burguesa de Costa e Silva é parte integrada boicotando a aplicação destes acordos na prática.

Vistas explicitadas das perspectivas políticas globais específicas que deve orientar o M.E. em S. Paulo, devemos esclarecer as formas pelas quais atingiremos nossos objetivos. A necessidade mais urgente é a necessidade organizativa: como organizar o M.E. para a realização destes objetivos?

O essencial para atingirmos nossos objetivos é o M.E. organizado pela base. Este trabalho pela base, mobilizar, organizar e educar, que são três movimentos simultâneos de um mesmo processo - é fundamental para o êxito da proposição levada. A organização em frente de trabalho, tal como vem sendo adotada em alguns locais de S. Paulo, permite uma certa medida, uma forma de organização dinâmica e livre que evita uma eventual burocratização. Em certos casos alguns CAs. ou DAs. Chegam, por serem mal encaminhados politicamente, a distanciar-se das bases, tendo uma visão errada da importância do trabalho pela base. A organização em frente de trabalho, ou em comitês da base, impedirá este distanciamento eventual da base em relação à vanguarda. Este tipo de organização constituirá, entre outras coisas, uma forma de pressão das bases sobre as lideranças das entidades, permitindo pois um entrosamento maior entre eles e dará mais peso as lideranças. A organização das bases, por classes, ou na forma mais ampla que seja possível, com coordenação tirada dos próprios participantes em cada local e tendo acesso direto as lideranças, através de contatos diretos com as entidades DCEs. e UEE, garantindo uma participação crescente das bases no encaminhamento e nas decisões de todo o M. E. À essa organização caberá o levantamento dos problemas específicos de cada local, a sua proposição de luta, no encaminhamento dessa, paralelamente a uma luta política que cada frente ou comitê deve levar no dia a dia de seu contato com as bases. Cabe ao comitê ou frente a formação do novos comitês, de espalhar essa forma de organização que garantirá a participação das bases e forçará as lideranças a assumirem posições justas e que não incidam em desvios e que propiciem a formação e o aparecimento de novas lideranças.

Dessa visão dos objetivos e da atuação da UEE, o XX CONGRESSO tirou o seguinte plano de luta: